

Citação: LAURENT

LAURENT, Éric. *O trauma ao avesso*. Papéis de psicanálise. Belo Horizonte, Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, n.1, p. 21- 28, 2004.

P. 27 “O analista sabe, assim, que ele opera com materiais frágeis. A análise não é um ajuste da metáfora ou do relato da vida de cada sujeito. Não é o ‘relato que conviria’ no lugar da história que não existe, uma vez recuperado o dossier perdido sob o recalque. A análise parece muito mais, nessa perspectiva, com uma instalação precária como aquela que se encontra agora em todos os museus ou quando das grandes cerimônias da comunidade artística, chamadas de bienais. (...) A instalação inteira é uma espécie de operação frágil sobre o que nos resta de sentido em torno do falo. Mais vale conceber a análise assim do que como uma metáfora narrativa cheia de sentido. O analista, nessa segunda, posição, se situa além ou aquém de uma concepção terapêutica do sentido. Na primeira posição, a da reparação do sentido, o analista é mais evidentemente terapeuta. Mas, na segunda posição, ele percebe o próprio sentido como um objeto perigoso. Ele pode produzir ‘overdoses’ que o tornam inoperante. É, assim, impossível interpretar mais as ‘aranhas’ de Louise de Bourgeois do que ela própria o fez. Será preciso, então, ao analista, medir, para cada sujeito, até onde ele pode apresentar dois pólos de sua ação. (...) é preciso, no entanto, que o analista saiba que ele não pode reduzir sua posição àquela de um doador de sentido ou àquela daquele que restitui o sentido do recalcado.”

Comentário:

Diante do incompreensível que impera quando se avista uma aranha gigante de aço, pode haver uma tentativa de atribuir sentido a essa dimensão um tanto estranha. Mas nesse caso, as aranhas não são o perigo! Como podemos extrair da leitura Éric Laurent, ao fazer referência às esculturas de Louise de Bourgeois, perigoso mesmo seria o excesso de sentido injetado nelas a fim de elucidá-las. Essa posição de “doador de sentido” também não convém ao analista. É preciso, pois, cortar. É preciso reduzir. É preciso que a narrativa não seja infinita.

